

~~1858~~ ~~1858~~ 1852  
ARCHIVO THEATRAL.

---

O

# PHENOMENO

OU

## FILHO DO MYSTERIO

COMEDIA EM 1 ACTO

---

Elle de Fanciro.

À VENDA EM CASA DE  
A. J. FERREIRA DA SILVA, RUA DA QUITANDA N. 190.

1858

RIO DE JANEIRO. — TYP. DE JOÃO XAVIER DE SOUZA MENEZES,  
Rua do Cano n. 165.



7373/AA  
1950



14.843H  
1959

## PERSONAGENS.

ROTOMAGO, alchimista.	ROSALINDA, mulher de Rotomago.	
PANCRACIO, bargo-mestre.		DOROTHÉA, sua filha.
JONAS, seu filho.		
FOSCO, amigo de Rotomago.		

A scena passa-se em Drontheim, na casa de Rotomago, em 1658.



# PHENOMENO

ou

## FILHO DO MYSTERIO

---

Um gabinete de alchimista. Retortas, fornos, instrumentos de chimica e physica; um jacare pendurado; bibliotheca, etc. No primeiro plano, á direita, uma chaminé com uma retorta; perto da chaminé, um fogareiro, e junto a este uma poltrona golphica de rodas. Ao lado, no segundo plano, uma porta; no terceiro, uma janella; no fundo, porta de entrada. Á esquerda, no primeiro plano, uma porta; uma mesa no segundo plano, com uma lampada acesa.

### SCENA I.

DOROTHÉA, só.

*(Entra pela esquerda, primeiro plano, toda assarapalhada, trazendo na mão um braço humano feito de barro. Antes da sua entrada ouve-se cahir alguma coisa no bastidor.)* Ah! meu Deos! que fui fazer!.... quebrei o braço!.... a perna lá ficou toda esmigalhada!.... e a cabeça cahiu por terra!.... Ora aqui está no que meu pai gasta todo o seu tempo!.... que singular occupação!.... levar horas esquecidas a fazer um homem de barro!.... Quando elle reparar que está todo quebrado... ha de ficar com uma raiva!.... e se elle desconfiar que fui eu!... oh! não... já

escondi os outros pedaços n'um canto.... vou pôr este junto com o resto, e depois fecho o gabinete.... (*Entra um instante no gabinete e diz.*) Oh! Céu!... ah! vem alguém!... deixe-me fechar a porta depressa! (*Fecha a porta.*) E a chave cá vai para a algibeira.... Ah! é mamã! !

## SCENA II.

## DOROTHÉA E ROSALINDA.

ROSALINDA.

(*Vem entrando pela direita, trazendo um copo d'agua assucarada que põe sobre a mesa.*) Que vejo! Tu, Dorothéa, neste laboratorio!

DOROTHÉA.

Pois que mal faz, mamã!

ROSALINDA.

Teu pai não quer que ninguém entre aqui em sua ausencia. Eu, que sou sua mulher, mal posso vir aqui uma vez cada noite, e isto mesmo é porque venho trazer-lhe o seu copo d'agua com assucar... Ora eis aqui ao que estou reduzida... teu pai não me acha prestimo senão para isto!

DOROTHÉA.

Na verdade, mamã, se eu soubesse....

ROSALINDA.

Tu bem o sabias, porém és muito curiosa.... e deves sel-o, porque és minha filha!... olha, sou tão curiosa, que daria tudo neste mundo só para visitar aquelle gabinete.

DOROTHÉA.

Aquelle gabinete!....

ROSALINDA.

Ha dous annos que o Sr. Rotoango me tem prohibido

entrar ali.... o que me faz suspeitar que anda trabalhando em alguma obra mysteriosa.... mas que obra será?....

DOROTHÉA.

(*A' parte.*) Não digamos nada : se não, ralha com comigo.

ROSALINDA.

Inda se elle trabalhasse só de dia, vá feito; porém todas as noites !....

DOROTHÉA.

E até agora, mamãi, inda não descobriu algum meio ?

ROSALINDA.

Qual, minha filha !.... só se arrombar a porta.... eu tinha uma outra chave, mas não sei que sumiço levou !

DOROTHÉA.

(*A' parte.*) Sei eu muito bem !

ROSALINDA.

Ah ! minha filha ! acredita o que te digo: nunca te cases com um sabio !

DOROTHÉA.

Pois, ao contrario do seu conselho, é com um sabio que meu pai me quer casar !

ROSALINDA.

Com quem ?.... Com aquelle intrigante de Fosco, que eu detesto !

DOROTHÉA.

Eu lhe asseguro que não o detesta mais do que eu.

ROSALINDA.

E' elle que anda seduzindo teu pai para todas essas loucuras.... que compromettem a sua saude, e pode bem ser que a salvação de sua alma !

DOROTHÉA.

Por isso mesmo é que lhe tenho uma ogeriza mortal.

## O PHENOMENO.

ROSALINDA.

Eu te prohibo pensar nelle, ouviste ?

DOROTHÉA.

Não será difficil !... e tanto mais que ando com um outro no pensamento.

ROSALINDA.

Como é isso ? como é isso ?

DOROTHÉA.

Oh ! mamãe ! é uma perfeita aventura !... um moço !...

ROSALINDA.

Como se chama ?

DOROTHÉA.

Não sei.

ROSALINDA.

Um incognito !...

DOROTHÉA.

Quando eu ia passear com Gertrudes, encontrava-o algumas vezes... um dia cahiu-nos de repente uma pancada d'agua, e elle me offereceu o seu capote para me abrigar.

ROSALINDA.

E tu accitaste semelhante envoltorio ?

DOROTHÉA.

Eu tinha tanto medo de molhar-me !... A essas horas fiz mal, não é, mamãe ? Pois olhe, se commetti alguma imprudencia, o acaso é que teve a culpa... um dia finalmente, o tal moço confessou que me amava; porém eu já tinha adivinhado em seus olhos o doce segredo que o meu coração partilhava.

ROSALINDA.

Então tens-lo visto muitas vezes ?

DOROTHÉA.

Sim, mamãe, temos conversado... e quando eu lhe disse

que era filha do Sr. Rotomago, mostrou-se muito contrariado !

ROSALINDA.

Não me admira, porque teu pai tem ganho muito má reputação por causa de seus trabalhos clandestinos.

DOROTHÉA.

Emfim, até recusou dizer-me o seu nome !

ROSALINDA.

Minha filha, não te fies em semelhante sujeito !

DOROTHÉA.

Sim, mamãe, e hei de mesmo significar-lhe que não venha mais de noite ao jardim.

ROSALINDA.

Como ! tu o recebes no jardim ? Dorothéa, eu te prohibo formalmente.

### SCENA III.

OS MESMOS e PANCRACIO.

PANCRACIO.

(*Entrando pelo fundo.*) Ora graças a Deos, que encontro alguém !

ROSALINDA.

(*A' parte.*) Pancracio !

PANCRACIO.

(*A' parte.*) Rosalinda !

DOROTHÉA.

(*A' parte.*) O Sr. burgo-mestre !

ROSALINDA.

Quem mandou o senhor entrar por ali ?

PANCRACIO.

Achei a porta do jardim aberta, e...

ROSALINDA.

A porta do jardim !... (*A' parte.*) Já percebo !...

PANCRACIO.

Senhora, faz o obsequio de me dar uma palavra em particular ?

ROSALINDA.

Em particular ?... Não sei se as conveniencias me permitem...

PANCRACIO.

E' para interesse de seu marido.

ROSALINDA.

De Rotomago ? —Então é outra cousa !

PANCRACIO.

(*A' parte.*) Já vejo que sempre me ama !

ROSALINDA.

Dorothea, sobe para o teu quarto, e diz a Gertrudes que não saia do pé desta sala.

PANCRACIO.

(*A' parte.*) Está com receio de mim !

DOROTHÉA.

(*A' parte.*) O Sr. Pancracio em nossa casa !... é bem singular! (*Sahe pela direita.*)

#### SCENA IV.

ROSALINDA e PANCRACIO.

PANCRACIO.

Ah! Rosalinda! seus olhos ateião em meu coração um incendio ..

ROSALINDA.

E' assim que o senhor me falla para interesse de meu marido?

PANCRACIO.

Lá chegarei devagarinho... porém não posso achar-me sósinho com a senhora, sem lhe pintar uma chamaa...

ROSALINDA.

Criminosa!

PANCRACIO.

Já o não é, porque estou viuvo!...

ROSALINDA.

Mas não o estou eu.

PANCRACIO.

Mas pôde sel-o de um momento para outro... até mesmo é muito prevavel...

ROSALINDA.

Sr. Pancracio, que presagios são estes?

PANCRACIO.

Sabem por ali que ha muitos annos que Rotomago se entrega a elucubrações que elle procura esconder a todas as vistas.

ROSALINDA.

E até ás minhas!

PANCRACIO.

Sua intimidade com um certo Italiano chamado Fosco, de muito má fama, fornece um novo alimento á malevolencia... surdos rumores se levantão contra elles... accusando-os de feiticellos!...

ROSALINDA.

Oh! Céu! ali está o que eu receiava!

PANCRACIO.

De um instante para outro podem requerer-me que

dê uma busca nesta casa, e se eu aqui achar o menor vestigio de sortilegio...

ROSALINDA.

Que succederá?

PANCRACIO.

Seu marido irá á fogueira.

ROSALINDA.

A fogueira?!

PANCRACIO.

E a senhora ficará viuva!

ROSALINDA.

Sr. Pancraccio, o senhor me abala horriavelmente os nervos!

PANCRACIO.

Como amigo estou prevenindo-a... e, demais, não vejo que a senhora tenha muita razão para chorar a perda de Rotomago.

ROSALINDA.

Sou muito aferrada aos meus deveres.

PANCRACIO.

Um homem que anda dando encontrões em todos no meio da rua, derribando as amostras que estão ás portas das lojas, e pisando os calos a todo o mundo... Um charlatão que prefere seus alambiques aos encantos de sua mulher!... no entanto, ó Rosalinda! a senhora vale muito mais que um alambique.

ROSALINDA.

Isso é lisonja, Sr. Pancraccio... mas aproveitar-me-hei do aviso. Eu já tinha feito tenção de descobrir o segredo de meu marido... agora estou resolvida... e se achar reprehensivel a sua obra... hei de passar-lhe tamanhas decomposturas até obrigar-o a largal-a.

PANCRACTIO.

Visto isso, a senhora não deixa-o ir á fogueira !

ROSALINDA.

Não me importa lá muito com isso.

PANCRACTIO.

Forte pena !

ROSALINDA.

• Basta, Sr. Pancraccio. • o senhor hoje está muito impertuno !....

PANCRACTIO.

Está bom : então vou-me embora ; porém espero que a senhora depois de reflectir ha de accitar o que lhe proponho. (*Sahe pelo fundo.*) •

## SCENA V.

ROSALINDA, depois JONAS.

ROSALINDA.

Ah ! que perigosa serpente é este Sr. Pancraccio !.... mas hei de apanhar a chave daquelle gabinete !.... Roto-mago traz-la sempre consigo. • mesmo de noite, quando por acaso vem deitar se, esconde-a debaixo do travesseiro, e ao mais leve signal de rumor acorda, e procura logo se ella está no seu lugar.... porém esta noite seu somno ser á profundo !.... O doutor tinha me dado estes pós.... (*Tira um papelinho de pós da algibeira.*) e eu estava indecisa se devia servir-me delles.... mas agora está decidido !.... esta noite hei de por força conhecer o seu segredo. (*Deita os pós no copo.*)

JONAS.

(*Entreabrindo a porta do fundo.*) Ella não vem ! (*Vendo Rosalinda.*) Que vejo !.... a mãe da pequena !.... nada de imprudencias !.... (*Torna a fechar a porta.*)

ROSALINDA.

Agora, retiremo-nos, mas esperarei a occasião.... (*Sahe pela direita.*)

JONAS.

(*Tornando a abrir a porta.*) Creio que posso agora arriscar-me. (*Vendo entrar Rosalinda, torna a entrar.*)

ROSALINDA

Já me ia esquecendo o castiçal !.... não quero que se queime o meu marido !... o que tambem seria difficil.... porque parece-me que o fogo não lhe pega. (*Sahe pela direita.*)

SCENA VI.

JONAS, só, entrando.

Ora queira Deos que se fosse de uma vez !.... com effeito ! estar mais de uma hora sósinho e á noite a medir os passos do jardim para todos os lados.... é pouco recreativo.... principalmente com um calor destes !.... só se me sentasse sobre as roseiras.... o que seria muito espinhoso.... Que motivo terá Dorothea para me fazer esperar horas esquecidas ? Vi passar um vulto por entre as arvores, e julguei que era ella !... Oh ! surpresa ! era meu pai !... meu pai introduzindo-se ás escondidas em casa da Sra. Rotomago !.. meu pai, que detesta Rotomago, e Rotomago, que abomina meu pai !... E tanto que, por causa disto, tenho occultado a Dorothea que eu sou filho de meu pai.. é o que fazem estes odios de familias !... Ouf ! que calor insupportavel !... (*Senta-se, e vê o copo d'agua.*) Espera ! um como copo com agua... e parece-me que é temperada com assucar !... está com uma colher dentro... Ah ! já sei... Dorothea contou-me que seu pai tem o costume de refrescar-se todas as noites com este liquido... estou com pena; mas tenha paciencia, hoje não se ha de refrescar.. e uma vez que me cahe do céu a agua já temperada com assucar .. o que é muito raro... não

deixarei passar este prodigio sem dar com elle da parte de dentro. (*Bebe um gole.*) A modo que lhe sinto um gosto particular... E Dorothea nada de vir... que motivo terá ella para se demorar tanto? Estou bem certo que ha de estar tão agoniada como eu... porque ella me quer tanto bem quanto eu lhe quero... Mas a que ponto nos levará este reciproco amor? Nossos pais ferozes não quereraõ jamais consentir... Ora adeos, succeda o que succeder... é tão doce matar a sede no copo dos amores !... (*Acaba de beber.*)

## SCENA VII.

JONAS e DOROTHÉA.

DOROTHÉA.

(*Entrando pelo fundo.*) Mauãí está deitada, e posso agora... (*Avistando Jonas.*) Como! é você?

JONAS.

(*Levantando-se.*) Sou eu, Dorothea. Não estava satisfeito lá no jardim... porque sem a tua presença aborreço as flores, aborreço tudo... Ah !...

DOROTHÉA.

Que é isto! você está abrindo a boca?...

JONAS.

Não faça caso... foi sem querer !... sou tão feliz de me achar só com você... Ah ! (*Bocejando.*)

DOROTHÉA.

Ainda mais!

JONAS.

Não faça caso... isto é do estomago... Não sei o que tenho.

DOROTHÉA.

Escute, Sr. Jonas, eu sei que faço mal em fallar-lhe ás

escondidas, e esta ha de ser a ultima vez, se você não me disser com franqueza quem é, e qual a razão por que se não apresenta a meus pais.

JONAS.

Eu lhe peço, Dorothea, não me interpelle sobre este capitulo... deixe-me primeiro que tudo exprimir-lhe os transportes... (*Bocejando.*) Ah !...

DOROTHÉA.

Estão muito engraçados os seus transportes !...

JONAS.

Não faça caso... não está nas minhas mãos... deixe-me sentar-me um bocado, que já não posso resistir..... (*Senta-se.*)

DOROTHÉA.

Olhe: parece que era melhor você ir-se deitar.

JONAS.

Ah ! Dorothea ! esteja persuadida que o meu amor... (*Começa a dormir.*)

DOROTHÉA.

Então o que ?...

JONAS.

(*Ja meio adormecido.*) Que amor... o mais ardente... (*Adormece inteiramente.*)

DOROTHÉA.

Valha-me Deos!... a modo que elle pegou no somno... Ah! isto é indigno!... (*Sacudindo-o.*) Senhor! senhor! saia já e já daqui para fóra!

JONAS.

(*Roncando.*) Ron... on... on...

DOROTHÉA.

Ahi está elle a roncar... isto é uma má criação! (*Sacudindo-o com mais força.*) Sr. Jonas! Sr. Jonas!

JONAS.

*(Roncando.)* Ron... on... on...

DOROTHÉA.

Que somno!... parece-me uma lethargia... e em que momento! *(Escutando.)* Ah! meu Deus! alguém vem entrando pelo jardim... *(Vai olhar a janello.)* Justamente é meu pai com o Sr. Fosco... que hei de eu fazer agora? Ainda além de ter quebrado o boneco que meu pai está fazendo, havia de vir mais esta! *(Sacode Jonas.)* Acorde! Sr. Jonas, acorde... Qual! nem por nada!... Ah! vem-me uma idéa... sim, mamãe certificou-me que meu pai não trabalharia esta noite... vamos portanto experimentar. *(Abre o gabinete da esquerda, entra e sahe logo com uma especie de manta com a qual cobre Jonas.)* Em todo o caso, deixe-me arranjar-o tal e qual está o outro. e logo mais tarde, quando estiverem todos a dormir, voltarei a dar-lhe escapula... A modo que estão fechando a porta lá de baixo.. avicmo-nos!... *(Empurra para o gabinete a poltrona de Jonas.)* Coitado do meu Jonas! não se pôde dizer que seja leve, pelo contrario... safal como pesa! *(Fa-lo entrar no gabinete e fecha a porta.)* Bom! está o negocio feito!... Ora agora queira Deus que não acorde antes de eu voltar. *(Vai a sahir; Rotomago entra com Fosco.)*

## SCENA VIII.

DOROTHÉA, ROTOMAGO e Fosco.

ROTOMAGO.

Que vejo! minha filha nestes lugares!

DOROTHÉA.

Eu já me ia embora, papai, já me ia embora.

ROTOMAGO.

Eu te tinha prohibido sob as penas as mais severas que

pozesses o pé neste local.... e tu aqui pozeste o pé.... pozeste até os dous pés !

DOROTHÉA.

Eu voltava do jardim.... e vinha atravessando este gabinete.

ROTOMAGO.

Pois tu não sabes que foi a curiosidade que deitou Eva a perder... Eva que, por causa de sua desobediencia, tornou-se a ultima das mulheres, depois de ter sido a primeira.

FOSCO.

Socegue, meu caro amigo Rotomago, não se zangue assim com a menina.

ROTOMAGO.

Dize-me ao menos que não pozeste a mão nos meus livros, nem nos meus instrumentos. Forte cousa ! que ha de sempre o teu sexo levar a desordem a toda a parte !

DOROTHÉA.

Eu lhe asseguro que não boli em cousa alguma.

ROTOMAGO.

Se não fosse tão tarde, lançava-te a minha maldição !... Vem abraçar-me, anda cá.

DOROTHÉA.

Sim, papai. (*Abraça-o.*)

ROTOMAGO.

Ora agora vai-te deitar : e, se quizeres ficar bem com teu pai, não ponhas mais aqui os pés !

DOROTHÉA.

Deixe estar, que não ha de succeder outra. (*Sabe pela direita.*)

SCENA IX.

ROTOMAGO e Fosco.

ROTOMAGO.

Fosco, estamos sós! Feche a porta, e apressemo-nos.

FOSCO.

Está tudo fecho'o!

ROTOMAGO.

Ah! Fosco!... que momento solemne!... isto é que se chama uma cousa diabolicamente solemne!...

FOSCO.

Estará com medo, Sr. Rotomago?

ROTOMAGO.

Medo!... não... mas sinto assim um não sei que!... Troaxeste os vegetaes que nos são necessarios?

FOSCO.

Ei-los aqui!... Bati toda a floresta de Drontheim para os escolher.

ROTOMAGO.

Então deves estar estrompado.

FOSCO.

Nem por isso!... Não vê que aluguei o cavallo do pai Rob, que por signal pediu-me quatro ducados pelo aluguel.

ROTOMAGO.

Com effeito! O tal pai Rob esfolou-te

FOSCO.

Mais me esfolou o seu cavallo.

ROTOMAGO.

Então dou-te os parabens!

FOSCO.

Tambem lhe trago o licor que preparei conforme as instrucções que Vm. me deu.

ROTOMAGO.

Ah! sim o extracto de Agricola!

FOSCO.

Custou-me dezoito ducados!

ROTOMAGO.

Oh! diabo! é exorbitante!

FOSCO.

E mais tres ducados por uma garrafa de vinho e uma empada.

ROTOMAGO.

Uma empada!

FOSCO.

E esta! E se elle tiver fome?

ROTOMAGO.

Pois julgas que elle comerá empada?

FOSCO.

Se a não comer, eu me encarrego de a metter cá para o bucho.

ROTOMAGO.

Tambem não hei de desgostar de provar della.

FOSCO.

Mais seis ducados pelo panno de que vesti a maquina.

ROTOMAGO.

Pois tambem o vestiste?

FOSCO.

E de um panno muito bello, que eu untei com um certo unguento favoravel á formação da epiderma... é o primeiro homem que ha de nascer já todo vestido.

ROTOMAGO.

Fosco, teu pensamento é profundo, e te faz muita honra. Nascerem as creaturas sem calças... é um horror!... é a cousa mais revoltante que dar-se pôde!... Sim, as crianças deverião, ao menos por decoro, nascer logo vestidas. E' verdade que algumas já vêm á luz-com uma touca natural de cabellos; mas... mas... acho que é muito pouco para a decencia.

FOSCO.

Eu sou do mesmo parecer, e por isso é que preveni tudo... somma a despeza trinta ducados.

ROTOMAGO.

Deixa estar, que hei de pagar-t'os, Fosco! .. Ah!... esta obra desgraça-me as algibeiras, porém a gloria me indemnizará.

FOSCO.

Sem duvida alguma, se a operação for bem succedida.

ROTOMAGO.

Por força ha de sel-o, Fosco... não duvides, meu amigo!... Tudo está perfeitamente combinado... Ah! como é grande! como é sublime! Eu, fraco mortal, fabricar um meu semelhante!... Roubar o segredo da criação!... Entrar em concurrencia com o Céu!... Se o Céu se escandalisasse, e na sua colera me despedisse um raio-sinho sobre a minha cabeça! .. Eu não lhe teria roubado o seu segredo, Fosco!... Olha: n'outro tempo Prometheu fez-se tambem fabricante de creaturas... Porém os deoses com ciumes atravessarão-lhe o commercio, e el' fez banca-rotta. Isto é um exemplo formidavel!

FOSCO

Porém note que Prometheu não era mais do que um burro a par da sua pessoa!

ROTOMAGO.

E' a minha convicção, Fosco!... Oh! potencia do

genio!... E has de crêr que estive a ponto de mandar tudo ao diabo!

FOSCO.

Pois está desanimado, meu amigo.

ROTOMAGO.

Agora não, mas já estive... Só a ossificação custou-me quatro annos de trabalho... Porém a carne!... a carne, meu caro... que problema!... Eu bem sabia, por ouvir dizer, que o homem tinha sido feito de barro... Mas que barro?... Barro de cachimbo não podia ser... Eu escogitava, eu vacillava... Estava quasi abandonando tudo, quando o acaso te conduziu ao meu domicilio.

FOSCO.

O facto é que se não fosse eu...

ROTOMAGO.

Apraz-me proclama-lo, Fosco. Tu é que me revelaste como havia eu de fazer a massa vital... o que me tem custado bem bom dinheiro!

FOSCO.

E' verdade! E eu que tenho pago.

ROTOMAGO.

E' melhor dizer que é impagavel a nossa massa vital!... A mais bella invenção que tem germinado em um craneo humano... E por isso tu sabes com que recompensa tenho de coróar a tua collaboração.

FOSCO.

Bem sei... a encantadora Dorothea... Ah! como ficarei orgulhoso de ser o genro de um homem tão... immenso como Vm.

ROTOMAGO.

Não tardemos mais, Fosco.. A noite se adianta... Vou dispôr o apparelho .. E tu vai procurar naquelle gabinete

essa combinação ainda inerte... Não lhe falta mais do que a respiração e o movimento.

FOSCO.

Isso é uma bagatella !...

ROTOMAGO.

Vamos insufflar-lhe uma e outra cousa !

FOSCO.

Eu vou !... (*A' parte.*) Forte pedaço d'asno ! (*Entra no gabinete á esquerda.*)

ROTOMAGO.

Ora, é chegado o momento ! E, apesar do meu genio, estou assim não sei como... Acho-me na incerteza se terei na realidade fabricado um ente humano, ou se terei perdido o meu tempo... Deverei eu resignar a minha mais doce esperança?.. Levarei ao cabo a minha empreza?... Ah ! quem poderá dizer-m'o?... Serei eu um grande homem, ou não serei mais do que um insigne basbaque?... (*Durante esta fallá, Rotomago expõe o apparatus, que é um fogareiro movel, sobre o qual está um vaso communicando por meio de um tubo com uma retorta posta sobre a chaminé, e d'onde parte um outro tubo destinado a ser collocado debaixo do homem de massa.*)

## SCENA X.

ROTOMAGO, FOSCO, e JONAS *sentado na poltrona sempre á dormir.*

FOSCO.

(*Empurrando a poltrona, na qual está Jonas enrolado em um panno encerado.*) Isto é singular ! O' Sr. mestre Rotomago ! está me parecendo mais pesado do que hontem !

ROTOMAGO.

Tanto melhor !... isto prova que elle tem adquirido

mais consistencia. (*Ajudando a puxar a poltrona.*) Devagarinho! devagarinho!... Não desarranjemos a harmonia desta creatura. (*Põe a poltrona perto da chaminé.*)

FOSCO.

Eil-o finalmente!... Estou com curiosidade de o ver andar sósinho!

ROTOMAGO.

Trata-se agora de fazer penetrar nesta massa insensivel o oxygeno e o azoto, principios da vida... (*Faz passar por baixo da poltrona, em cujo assento ha uma abertura, um dos tubos do aparelho.*) O fluido respiratorio vai-lhe ser introduzido por meio deste tubo.... assopra, Fosco!...

FOSCO.

De boa vontade... com todo o gosto. (*Assopra ao fogareiro.*)

ROTOMAGO.

Possa o Céu proteger esta empreza clandestina!

FOSCO.

(*A' parte, soprando.*) Bem poderei levar aqui dez annos a assoprar: por fim o tal boneco não passará de barro cozido!...

ROTOMAGO.

Assopra, Fosco!... não pares!... se deixas resfriar um segundo que seja, a operação falla... e espichamo-nos redondamente!...

FOSCO.

(*Soprando.*) Daqui a pouco hei de me rir muito da cara com que elle ha de ficar.

ROTOMAGO.

(*Passando a mão por baixo do envoltorio.*) Fosco! (*Chamando.*)

FOSCO.

Que temos?

ROTOMAGO.

Meu amigo, a transformação começa!

FOSCO.

Pois já?... (*A' parte.*) O caso está divertido!

ROTOMAGO.

Estou pegando na mão delle... e a modo que a acho com calor...

FOSCO.

Qual! não pôde ser... (*A' parte.*) Forte simplorio!

ROTOMAGO.

Pois vem ver tu mesmo... e eu vou assoprar em teu lugar. (*Põe-se a assoprar.*)

FOSCO.

De bom grado. (*A' parte.*) Isto causa dó!

ROTOMAGO.

Não levantes muito a capa: se não, pôde o fluido evadir-se!

FOSCO.

(*Apalpando, e com surpresa. A' parte.*) E esta!... com effeito, é verdade!... está quente, e até parece-me sentir um certo movimento...

ROTOMAGO.

(*Assoprando.*) Então, que dizes, Fosco?!

FOSCO.

Não ha duvida, não ha duvida! (*A' parte.*) Quem sabe se me estou tornando tão estapido como elle? (*Jonas espirra.*) Dominus tecum!

ROTOMAGO.

Não fui eu que espirrei, não, Fosco!

FOSCO.

Como! (*Jonas torna a espirrar.*)

ROTOMAGO.

E' elle !... é elle que está espirrando !

FOSCO.

Elle !...

ROTOMAGO.

*(Assoprando com mais força.)* Parece-me que se agita !

FOSCO.

*(Tremendo.)* Meu Deos ! sêde comigo, não me desappareis ! *(Jonas faz um movimento.)* Virgem Nossa Senhora !... isto é um sonho terrivel que se apodera de mim !

ROTOMAGO.

Não, não é um sonho !... É o meu problema que está se resolvendo... sim, eis a obra suprema que me iguala ao Creador ! *(Jonas levanta-se e desembroça-se da capta.)*

FOSCO.

Cruz ! diabo !... Eu te desconjuro, feiticcio ! e o Céu vai castigar-te ! *(Foge, correndo pelo fundo.)*

## SCENA XI.

ROTOMAGO e JONAS.

JONAS.

Ouf !... Estava quasi ficando suffocado !... Quem diabo me pregaria esta peça ?

ROTOMAGO.

*(Examinando.)* A modo que está balbuciando sons gutturaes !

JONAS.

Sinto uma exandeseencia cá em certo lugar !... Parece assim que estive sentado n'um fogareiro...

ROTOMAGO.

Acedem-lhe em tropel as sensações!... Está uma cousa curiosa !

JONAS.

Eu estava tão entorpecido... que nem me lembro mais!... (*Vendo Rotomago.*) Oh ! é o velho Rotomago!... Que diabo hei de eu dizer-lhe?...

ROTOMAGO.

Está me examinando!... (*Fazendo-lhe signaes.*) Pst... pst .. Vem cá, nêné, vem cá!...

JONAS.

E esta!... Chama-me como se eu fosse uma criancinha!

ROTOMAGO.

Ainda está muito ariseo!... Mas por força ha de ser assim.

JONAS.

(*A' parte.*) Se eu pudesse ganhar a porta !

ROTOMAGO.

Onde vais, pequeno?... Fica aqui, fica, não tenhas medo!... (*Pede-lhe a sahida.*)

JONAS.

(*A' parte.*) E' o pai de Dorothea... não o contrariemos !

ROTOMAGO.

(*A' parte.*) Vamos ver se o domesticamos!... Todos os animaes deixão-se levar pelo focinho... (*Parte um peduço de empada e offerece a Jonas.*) Toma, nêné; toma papá...

JONAS.

(*A' parte.*) Está me offerecendo comida !

ROTOMAGO.

Toma papá!... olha que bestialidade minha!... elle não pôde por ora saber!... olha, é assim, assim... (*Come para lhe mostrar.*)

JONAS.

E esla !... não está engraçado?... O sujeito querer ensinar-me como se come empada !... (*Toma um pedaço.*)  
Muito obrigado !

ROTOMAGO.

Já falla !... já se exprime !... Que prodigio !

JONAS.

(*A parte.*) Que original !

ROTOMAGO.

(*A parte.*) Acaba apenas de nascer... e já come pela sua mão !... Eu estava com receio de ver-me na obrigação de alugar-lhe uma ama !... porém uma vez que elle mastiga soffrivelmente empada !...

JONAS.

Está magnifica !... e não se me daria de aceitar outro pedaço.

ROTOMAGO.

Como sabes tu que ella é magnifica ?... é a primeira vez que provas esta comida...

JONAS.

A primeira vez !... A primeira vez que eu como empada !... Ah ! ah ! ah !... Ora, o senhor tem cousas !... (*Batendo-lhe no hombro.*)

ROTOMAGO.

Oh ! já vai se domesticando !.. Dize-me, filho da natureza, não sentes nenhum obstaculo nos teus movimentos ?... Tuas articulações estão bem desembaraçadas ?

JONAS.

Minhas articulações ?

ROTOMAGO.

Mexe lá um pouco para eu ver as pernas e os braços; olha, faz assim... (*Faz varias movimentas.*)

JONAS.

Isto só com a paciencia de Job!... se aquella que eu amo não fosse sua filha...

ROTOMAGO.

Mexe... anda, mexe!

JONAS.

(*Executa os movimentos.*) Aqui está.

ROTOMAGO.

Bravo! perfeitamente! Já vejo que a respeito de juntas sahirão o melhor possível... (*A Jonas.*) O que me surprehende, o que confunde a minha intelligencia... é que tu me comprehendes tambem!

JONAS.

Eu!... Não ha tal... não o comprehendo!

ROTOMAGO.

(*A parte.*) Elle comprehende que não me comprehende! Que penetração! Até receio que não possa viver por causa de uma esperteza tão prematura!... Entretanto, que mãos! que pés! que vigor!

JONAS.

(*A parte.*) A modo que está pasmado de mim!

ROTOMAGO.

Lá o nariz é que não sahiu muito a meu gosto!... eu creio que não lhe fiz aquella cartilagem tão compacta... talvez fosse o vapor que a desenvolveu... porém ainda está a tempo de se remediar. Espera, meu pequeno... (*Vai buscar uma raspadeira.*)

JONAS.

O que quer?

ROTOMAGO.

Deixa-me raspar um pouco esse nariz!

JONAS.

(*A' parte.*) Ah! temos outra! (*Alto.*) Mas eu não sinto comichão nelle!

ROTOMAGO.

(*Rindo.*) Eh! eh! eh! E então! não raciocina? (*A Jonas.*) Não tenhas medo... se te ficar estragado o nariz, aqui estou eu para t'o concertar.

JONAS.

Mas eu não tenho precisão nenhuma de me concertar com o senhor, uma vez que não estamos brigados!

ROTOMAGO.

Oh! até já faz trocadilhos! Que potencia de organização! Vamos, anda, deixa raspar o nariz!

JONAS.

Pois não! assim sou eu tolo!

ROTOMAGO.

Hei de raspar-te por força!

JONAS.

E eu não quero! não quero! e não me faça chegar aos azeites!

## SCENA XII.

Os MESMOS e ROSALINDA.

ROSALINDA.

Então que é isto?... temos disputa?

ROTOMAGO.

Oh! minha esposa!

JONAS.

(*A' parte.*) A mãe da pequena! (*Sobe a scena.*)

LOT

ROSALINDA.

O senhor parece-me que jurou fazer-me desesperar!... Não tarda a amanhecer, e ainda o acho aqui a vadiar!...

ROTOMAGO.

Mulher! não blasphemes!... Acabo de resolver um problema que levará minha fama até acima das nuvens!...

ROSALINDA.

Pois vamos a ver... mostre-me o tal problema... eu não o vejo fazer nada.

ROTOMAGO.

Se eu te dissesse, teu fraco entendimento ficaria embasbacado.

ROSALINDA.

Não importa, diga o que é... eu quero sabe-lo por força.

ROTOMAGO.

(*Chamando Jonas com um signal.*) Olha um pouco para este rapaz.....

ROSALINDA.

O que tem?

ROTOMAGO.

Como o achas tu a respeito de physico?

ROSALINDA.

E esta!... Ha pessoas menos feias do que o senhor...

JONAS.

(*Comprimentando.*) Oh! minha senhora, isso é bondade sua!

ROTOMAGO.

(*A parte.*) O pequeno é sensivel aos elogios... e então?... não tem todos os instinctos?... (*Alto.*) E se eu te disser que elle anda pelo seu pé, come pela sua mão, e falla pela sua boca?...

## O PHENOMENO.

ROSALINDA.

Não haveria nada que admirar, vista a sua idade.

ROTOMAGO.

Ah! chegaste ao rego!... isso mesmo é que eu queria...  
Que idade pensas que elle tem?

ROSALINDA.

Seguramente 20 a 25 annos.

ROTOMAGO.

(*Rindo-se.*) Eh! eh! eh! (*A Jonas.*) Estás ouvindo?  
minha mulher faz-te com 25 annos!

JONAS.

Hei de fazel-os quando chegar o tempo das ameixas!

ROTOMAGO.

Ah! sim! quando chegar o tempo das ameixas!...  
Como já conhece as fructas! E' estupendo!

ROSALINDA.

Está bom... tenha lá o senhor a idade que quizer; o  
que não acho menos singular é que veja um estranho a  
estas horas encarapitado em nossa casa.

ROTOMAGO.

Rosalinda, este moço não é um simples estranho!

ROSALINDA.

Ah! e desde quando o conhece Vm.?

ROTOMAGO.

Ha dez minutos!... (*A parte.*) Vou embaçal-a. (*Alto.*) E'  
o filho de um meu amigo... um indio... um habitante do  
Nepaul, o qual confiou-o..... em sua ausencia... á minha  
tutella...

JONAS.

(*A parte.*) Que historia será esta?!

110-11

92731-1950-PR

BIBLIOTECA

ROTOMAGO.

Manda-lhe preparar um bocal... (*Retraçando-se.*) Não : um local... porque não quero que elle fique alojado senão debaixo do meu tecto.

JONAS.

(*A' parte.*) Bravo ! famoso ! o velho me recebe na sua casa !

ROSALINDA.

Ahi temos outra !... e como se chama o senhor ?

JONAS.

Como me chamo ? (*A' parte.*) O' diabo ! (*Alto.*) Minha senhora, não me lembro mais... ainda ha pouco eu sabia o meu nome... mas esqueceu-me neste instante !

ROTOMAGO.

Chama-se... chama-se... Phenomeno !

JONAS.

(*A' parte.*) Onde foi elle buscar semelhante nome ?

ROSALINDA.

E' um nome singular!... mas enfim, uma vez que meu marido assim o quer, nós receberemos o Sr. Phenomeno.

## SCENA XIII.

Os MESMOS e DOROTHÉA.

DOROTHÉA.

(*Entra correndo pelo fundo.*) Meu pai !... Meu pai !...  
(*Vendo Jonas.*) Ah !

ROTOMAGO.

Que tens ? estás a gritar por teu pai... a modo que te desustia o aspecto deste senhor !



92731-1950-PR  
 91-0-11

DOROTHÉA.

E' verdade !... eu não esperava por tal... (*A' parte.*)  
Para que foi elle acordar ?

ROSALINDA.

Então, minha filha, d'onde vem essa perturbação que  
observo em ti ?

DOROTHÉA.

Eu vinha avisar que o Sr. burgo-mestre está na sala.

TODOS.

O burgo-mestre?!

JONAS.

(*A' parte.*) Meu pai !

ROSALINDA.

Tão cedo!

JONAS.

Seguramente vem á cita de mim.

DOROTHÉA.

(*A seu pai.*) Elle está á sua espera, papai !... e segundo  
diz está com muita pressa.

ROTOMAGO.

(*A' parte.*) Quem sabe se Fosco foi denunciar-me !

ROSALINDA.

Já adivinho o motivo que o traz aqui... são as tolices  
de meu marido... Não se falla de outra cousa na cidade,  
e por isso a autoridade quer vir no conhecimento da his-  
toria.

ROTOMAGO.

Desprezo soberanamente os clamores populares !

ROSALINDA.

Eu bem lhe disse sempre que isto havia de ter mau  
fim !

ROTOMAGO.

Pobre mulher!... esposa virtuosa, porém limitada!...  
espera-me aqui, Phenomeno!

DOROTHÉA.

(*A' parte.*) Phenomeno!

ROTOMAGO.

(*A' Jonas.*) Tu, ó minha gloria e minha felicidade!...  
vem a meus braços!

JONAS.

‡ Não posso recusar-lhe cousa alguma. (*Abraça-o.*)

ROTOMAGO.

(*A' parte.*) Quando o aperto em meus braços, é como  
se abraçasse um meu filho; porque sinto por elle a ternura  
não só de um pai como de um fabricante!

DOROTHÉA.

(*A' sua mãe.*) Está vendo, mamãe, com que amizade  
meu pai abraça aquelle moço? D'onde provém tamanha  
ternura?

ROSALINDA.

(*A' sua filha.*) Não sei, minha filha.

ROTOMAGO.

(*A' Jonas.*) Pareces tal qual um homem ordinario... e  
eu julgo impossivel que alguém possa descobrir a ver-  
dade, e adivinhar o profundo mysterio da tua criação!  
abraça-me outra vez... pois que me enches de gloria!  
(*Abraça-o e vai-se.*)

JONAS.

(*A' parte.*) E esta!

## SCENA XIV.

ROSALINDA, JONAS e DOROTHÉA.

ROSALINDA.

Que homem é o meu esposo!... se é que se póde chamar aquillo um homem!... E este novo entremettido... (Vendo Dorothea conversar com Jonas.) Dorothea conversando com elle!... Saberá ella!... (Chama-a.) Dorothea?

DOROTHÉA.

(Chegando-se a ella.) Mamã!

ROSALINDA.

(Baixo.) Conheces aquelle moço?

DOROTHÉA.

Eu... não, senhora... não, mamã!... porém elle me estava dizendo que desejava pedir-lhe uma cousa em particular.

ROSALINDA.

Ah!... (A parte.) Tanto melhor!... isto mesmo é o que eu queria!... (Alto.) Deixa-nos sós!

DOROTHÉA.

Sim, mamã!... (A parte.) Estimo bem não ficar aqui! (Sai pela direita.)

## SCENA XV.

ROSALINDA e JONAS.

ROSALINDA.

Ora vamos a ver o que o senhor me quer dizer... Estou prompta a ouvi-lo.

JONAS.

Sim, senhora...

ROSALINDA.

Pois falle.

JONAS.

Não é tão facil assim!.. estou a ver se acho um modo... e se a senhora não está com muita pressa...

ROSALINDA.

Nada de rodeios, senhor... eu não quero occultar-lhe que tenho muitas suspeitas da sua presença nesta casa... meu marido trata-o com tal afeiçãõ que me parece pelo menos muito esquipatica !

JONAS.

¶ E então a mim!... estou embasbacado.... parece que o meu exterior lhe agrada... porém eu quizera mil vezes antes que lhe agradasse á senhora !

ROSALINDA.

A mim?!... o que lhe importa isso ?

JONAS.

Oh ! muito!... milissimo!... eu quizera parecer-lhe amavel, doce, espirituoso, suave, gracioso... um rapaz completo enfim!... E então uma palavra sua poderia tornar-me o mais satisfeito dos mortaes...

ROSALINDA.

Senhor, que linguagem é essa?...

JONAS.

Esta linguagem é um segredo que vai talvez fazer a senhora dar um salto no meio desta casa... por isso eu acho bom que se segure a algum traste.

ROSALINDA.

Pois então diga já... que estou ardendo de impaciencia...

JONAS.

(*Lançando-se de joelhos*) Mulher de Rotomago, eu me prostro a seus pés!

ROSALINDA.

Como !

JONAS.

Saiba que o mais terno amor.....

## SCENA XVI.

Os MESMOS e ROTOMAGO.

ROTOMAGO.

*(Entram lo pelo fundo.)* E' possivel !

ROSALINDA.

Meu marido !

ROTOMAGO.

Levanta-te, Phenomeno !

JONAS.

Com muito gosto !... *(Levanta-se.)*

ROTOMAGO.

E tu, ó mulher ! não te ficão vermelhas as faces de vergonha !... Enquanto estou a conversar com aquelle animal de burgo-mestre.....

JONAS.

*(A parte.)* Que ausencias que elle faz de meu pai !

ROTOMAGO.

Abusas da innocencia desta creatura, para excitar em seu coração paixões acima da sua idade ?

ROSALINDA.

E esta ! Vm. a modo que cada vez está se tornando mais tolo, mais simplorio !

JONAS.

Sr. Rotomago, não se persuada...

ROTOMAGO.

Não é contigo que estou ralhando, Phenomeno. Eu bem vejo que Rosalinda tem sua graça, e desperta o amor em teus sentidos : teu coração se inflamma, e por fim cobiças minha mulher. Tudo isto está muito direito !.. e ainda quando me fizesses... o que se chama uma injuria, eu não poderia, meu caro amigo, accusar senão a natureza.

JONAS.

Mas o senhor está muito enganado ! .. eu não alimento nenhuma chamma pela sua esposa !... e já que puxa por mim... confesso-lhe que é sua filha que eu amo.

ROTOMAGO.

Minha filha !

ROSALINDA.

Dorothéa !

JONAS.

Sim, amo-a, adoro-a... estou louco por ella !

ROTOMAGO.

Cala a boca, desgraçado, cala a boca !... esse amor é talvez um crime !

JONAS.

Um crime !

ROSALINDA.

E por que razão ?

ROTOMAGO.

Eu disse talvez. (*A parte.*) E' preciso que eu consulte alguém a este respeito... a especie é inteiramente nova !

ROSALINDA.

Ainda mais um mysterio !

ROTOMAGO.

Vai-te embora !... deixa-me só com o Phenomeno !

ROSALINDA.

Senhor ! isto não ha de ir assim !... vou queixar-me ao burgo-mestre!

ROTOMAGO.

Espera, louca esposa !... tu queres pois fazer de mim pasto para os meus inimigos ?... Agora mesmo fui ameaçado pelo burgo-mestre... e corro perigos sem numero !

ROSALINDA.

Que me importa lá com isso ! O senhor mesmo assim o quiz !

JONAS.

(*A' parte.*) Peior está o negocio !

ROTOMAGO.

Rosalinda, olha que vais entregar teu esposo á fogueira.

ROSALINDA.

(*Sahindo pela direita.*) O senhor é um traidor !... e não quero mais saber de semelhante marido !...

## SCENA XVII.

ROTOMAGO e JONAS.

JONAS.

(*A' parte.*) Ora vejamos se agora elle me põe ao facto de todas estas embrulhadas.

ROTOMAGO.

(*A' parte.*) Amoroso de minha filha !... elle ! uma combinação... uma mistura... uma simples machina preparada por estas mãos !... Ah ! fiz muito mal em criar um rapaz !... eu devia ter antes fabricado uma rapariga !...

JONAS.

Perdõe, mestre Rotomago...

ROTOMAGO.

Calá a boca, Phenomeno, que estou parafusando... (*A parte.*) Fosco está preso... aquelle traidor descobriu o segredo... a esta hora prepara-se talvez a fogueira para me devorar... e já sinto minhas carnes a frigirem-se em cima das brasas... Que hei de eu fazer?... De um lado, o seu amor á minha filha... do outro, a minha salvação pessoal... Sim! não vejo mais do que uma sahida neste labirinto!... (*Alto.*) Chega aqui, Phenomeno!

JONAS.

Já acabou de parafusar?

ROTOMAGO.

Phenomeno!... tua inclinação á minha filha tem raizes?

JONAS.

Raizes!... só a grama é que poderá ter mais do que ella.

ROTOMAGO.

E se eu puzesse obstaculos a vocês ambos, e a subtrahisse ás tuas diligencias?

JONAS.

Rouba-la-hia... poria fogo a esta casa... inventaria todos os meios para ir ter com sua filha.

ROTOMAGO.

Isso mesmo! (*A parte.*) É a sua propria sentença que elle acaba de pronunciar!

JONAS.

(*A parte.*) A modo que se vai decidiudo...

ROTOMAGO.

(*A parte.*) Por certo, não ha duvida alguma!... uma vez que o criei, tenho todo o direito!... (*Alto.*) Repara um instante!... (*Entra á esquerda.*)

JONAS.

Abandonou-me!... Ah! sem duvida vai procurar a filha!

ROTOMAGO.

(*Entra com um machado na mão e atraz das costas, e á parte.*) Tenhamos energia para consummar este sacrificio!

JONAS.

(*Á parte.*) O que estará elle escondendo atraz das costas?

ROTOMAGO.

Phenomeno!...

JONAS.

Mesire Rotomago!...

ROTOMAGO.

Dá cá um abraço!

JONAS.

(*Á parte.*) Pois ainda!... (*Abraça-o.*) Que massada!

ROTOMAGO.

E agora põe-te de joelhos!

JONAS.

Para que?...

ROTOMAGO.

Põe-te sobre as rotulas .. percebes?

JONAS.

Muito bem!... (*Á parte.*) Sem duvida vai pespegar-me a sua benção! .. que velho maniaco!... (*Á joelha.*)

ROTOMAGO.

(*Atraz de Jonas.*) Que angustias sinto no coração!... Eis-me como Abrahão, a ponto de matar o seu herdeiro!... Ah! minhas entrânnhas se revolvem em amarguras!

JONAS.

Então! estais á espera!...

ROTOMAGO.

(*A parte.*) Assim é preciso !... (*Alto.*) Não te mexas, Isaac !... (*Levanta o machado sobre a cabeça de Jonas.*)

JONAS.

(*Que tem o llhado.*) Isaac !... heim ?... Espere !... Então que brincadeira é esta ?... (*Levanta-se com vivacidade.*)

ROTOMAGO.

Eu te disse que não te mexesses !...

JONAS.

Essa é boa ! quando o senhor me quer matar como se matasse um touro !

ROTOMAGO.

Ora, já podia estar acabado !...

JONAS.

Porém isto é abusar muito da minha complacencia !...

ROTOMAGO.

E tenho todo o direito, Phenomeno... porque tu me pertences... és cousa minha..

JONAS.

Cousa vossa !...

ROTOMAGO.

Qualquer pó le demolir aquillo que construa !... eu sou o teu architecto !...

JONAS.

Como !... que diz ?... pois seria o senhor que...

ROTOMAGO.

(*A parte.*) Deos ! que preferi eu !

## SCENA XVIII.

Os MESMOS e Fosco.

FOSCO.

*(Entrando pela janella.)* Mestre Rotomago !...

ROTOMAGO.

Heim ?... és tu, Fosco ?...

JONAS.

*(A' parte.)* Fosco!... d'onde sabiria semelhante figura?...

ROTOMAGO.

Tu ousas offerecer-te ás minhas orbitas, vil denunciante?...

FOSCO.

Deixemo-nos de—dize tu, direi eu!... Tinhão-me encaixado na cadeia... mas pude escapular, e vim correndo para salvar-te, se ainda e tempo!... O bargo-mestre não tarda a cair sobre a tua casa com toda a esfila de esbirros!...

JONAS.

*(A' parte.)* Já sei que não escapo!...

ROTOMAGO.

Aquelle tratante de Paneracio!... aquelle velhaco... aquelle biltre...

FOSCO.

E não vês que se elle acha aqui este monstro...

JONAS.

Como!... este monstro?

FOSCO.

*(A Rotomago.)* Pois elle falia?

RODOMAGO.

Como um advogado... é uma cousa maravilhosa !...

JONAS.

Este monstro !...

FOSCO.

(*Baixo, a Rotomago.*) É preciso desfazermo-nos delle.

RODOMAGO.

(*O mesmo.*) Já tive a mesma lembrança !... Ainda ha pouco estive a ponto de o quebrar... porém a minha mão tremia como vara verde...

FOSCO.

Quebra-lo !... nada, esse meio não presta... poderia achar os pedacos !

JONAS.

(*Comigo mesmo.*) Este monstro !...

FOSCO.

(*O mesmo.*) O tal monstro não existe senão por meio do gaz que nós lhe introduzimos...

RODOMAGO.

Sim... sim... o gaz respiratorio !

FOSCO.

Portanto bastará faze-lo evaporar... e eu me encarrego da obra... Faz-se-lhe uma abertura na barriga ou n'outra qualquer parte... (*Ouve-se bater com força.*)

RODOMAGO.

Estão batendo !

FOSCO.

(*E jantão.*) É o burgomestre !

JONAS.

Deixe-me safar !

FOSCO.

E' inutil... a casa está cercada!... Vá, mestre Rotomago, vá divertir o burgo-mestre... enquanto eu vou expedir este!

JONAS.

O senhor não terá por aqui algum escaninho... algum buraco... seja o que for?

ROTOMAGO.

Socega, Phenomeno, tu terás um buraco... Deixa estar que o senhor se incumba de abrir-te um! (*Sabe pela direita, Fosco entra pela esquerda no primeiro plano.*)

## SCENA XIX.

FOSCO e JONAS.

JONAS.

O caso é que estou achando bem pouco divertida esta casa!

FOSCO.

(*Sahindo do gabinete. A' parte.*) Não achei senão esta verruma; mas creio que bastará. (*Mostra-a.*)

JONAS.

(*A' parte.*) Alii está o tal sujeito que me chamou de monstro!... tenho-lhe uma ogeriza!... (*Alto.*) Então que é do buraco?

FOSCO.

Já lh'o arranjo!... Pegue nessa chave que está ali... debaixo do panno da chaminé... á direita, creio eu...

JONAS.

Onde é que está? (*Vai junto da chaminé.*)

FOSCO.

Procura bem!

JONAS.

Sim ! sim ! ( *A' parte.* ) Não te hei de perder de vista !

FOSCO.

( *A' parte.* ) Eis o momento !... vamos a elle !... ( *aproxima-se a elle e quer dar-lhe um golpe de verruma por detrás.* )

JONAS.

( *Sustendo-lhe o braço.* ) Ah ! grandississimo patife !

FOSCO.

( *A' parte.* ) Ai ! que o diabo viu-me !

JONAS.

( *Agarrando-o pela golla.* ) Sem o saber, estava eu n'um covil, e me vejo cercado de assassinos ! Porém tu, maroto, não és meu sogro, e has de pagar por todos... hei de quebrar-te estes ossos... vou desancar-te !... ( *Sacudindo-o.* )

FOSCO.

Larga-me, larga-me... irra ! que socos !

JONAS.

Trataste-me de monstro !... patife !... Pois os monstros são ferozes, e eu quero beber-te o sangue ! ( *Dá-lhe.* )

FOSCO.

( *Defendendo-se.* ) Quem me acode !... Assassino ! quem matar-me !...

## SCENA XX.

Os MESMOS e ROSALINDA.

ROSALINDA.

( *Acudindo.* ) Uma luta... na minha casa ! que é isto ?

JONAS.

É este malfeitor que queria com uma taboa...

ROSALINDA.

Vm., Sr. Fosco?

FOSCO.

Sim, senhora, pois assim era preciso, e disto depende a salvação de nós todos !... saiba que esta maquina é obra de seu esposo !

ROSALINDA.

Sua obra !?

FOSCO.

Seu producto illicito ?

JONAS.

Pois será verdade ? serei eu ?...

ROSALINDA.

Eu bem andava descõfiada !... Ah ! que a raiva me sulfoca ! ( *Desmaia.* )

FOSCO.

( *Sustentando-a* ) Adeos ! adeos ! temos agora faniquitos !

JONAS.

( *A parte.* ) Ah ! vem alguem !... E' meu pai !... salve-se quem puder ! ( *Vai a janella.* ) Está tudo cercado de soldados !... Ah ! neste gabinete... ( *Vai para a esquerda.* )

FOSCO.

( *Sustentando Rosalinda.* ) Não tem que ver : vão-me assar como um porco.

## SCENA XXI.

FOSCO, ROSALINDA, ROTOMAGO e PANCRACIO.

PANCRACIO.

Oh ! Céu ! Rosalinda !

ROTOMAGO.

Minha esposa com uma syncope !

ROSALINDA.

(*Levantando-se.*) Infame !.... não te chegues a mim !

ROTOMAGO.

Porque te volcanisas assim, querida amiga ?....

ROSALINDA.

Ah ! Paneracio !.... Não era em magia que o traidor se occupava !.... Agora conheço o segredo de suas vigílias ! elle ia divertir-se aos pés de uma outra !

ROTOMAGO.

(*Rindo ás gargalhadas.*) Rosalinda, não me faças chorar de tanto rir !

ROSALINDA.

E ainda se ri.... ainda se ri este malvado !.... quando eu tenho a prova de que tu occultavas na casa conjugal o fructo de teus criminosos amores !....

PANCRACIO.

Que depravação !

FOSCO.

(*A' parte.*) O caso é que ella nos salva ! (*Alto.*) Sim, é verdade; eu vou metter a minha mão no fogo, se Rotomago não tem um filho natural !

ROTOMAGO.

Eu ?!

PANCRACIO.

E onde viste esse filho ? onde está elle ?

FOSCO.

Bem perto daqui, e vou exhibil-o ! (*Entra no gabinete á esquerda.*)

ROTOMAGO.

Eu ! um filho !... e esta !

ROSALINDA.

Tu vais ser o confundido !

## SCENA XXII.

Os MESMOS e JONAS.

FOSCO.

*(Trazendo Jonas a força)* Ora ande, venha...

JONAS.

*(Resistindo.)* Não quero! não quero!

FOSCO.

*(Puxando Jonas.)* Eil-o aqui!

PANCRAÇIO.

*(A' parte.)* Que vejo! Jonas!

TODOS.

Jonas!...

PANCRAÇIO.

*(Alto.)* Que veio Vm. fazer aqui, senhor? Responda, quero que me dê conta...

ROTOMAGO.

Elle não tem contas nenhuma que lhe dar... Phenomeno está aqui na sua casa...

PANCRAÇIO.

Phenomeno!... Meu filho!...

TODOS.

Seu filho!!!

JONAS.

Espere, meu pai: estará bem certo?...

ROTOMAGO.

Não, Phenomeno; tu não és filho deste senhor! Não és filho de ninguém, nunca tiveste pai!

JONAS.

Nunca tive pai !... Entretanto o senhor me disse por estas palavras: « Phenomeno, fui eu quem te construí. »

PANCRACIO.

Elle !

ROSALINDA.

O senhor está ouvindo ?...

JONAS.

Esta não está má ! Arranjem-se lá os senhores dous como quizerem, que eu preciso de um pai !

ROFOMAGO.

Pois então vou rasgar o véo, só para não abaixar o meu genio a ponto de mentir !... Este moço é composição minha !

ROSALINDA.

E tão sem vergonha, que ainda o confessa !

FOSCO.

*(A parte.)* Forte pedaço d'asno !

PANCRACIO.

Como !... Homem cynico, tu ousas pretender ?...

ROFOMAGO.

Queimem me !... Façam de mim um carvão, um tição, o que quizerem !... Criei um mortal !... Fabriquei-o com estas proprias mãos !... Posso agora morrer !... Vem, Phenomeno... Que nos queimem juntos... Marchemos á fogueira ! *(Vai a sair.)*

## SCENA XXIII.

OS MESMOS e DOROTHIA.

DOROTHIA.

*(Entrando.)* Então onde vai, meu pai ?

ROTOMAGO.

Corroçao supplicio !... Vem, Phenomeno !

JONAS.

Vá o senhor só, se quer ser assado... Eu cá já estou queimado por sua filha... e basta-me este fogo.

PANCRACIO.

Que ouço !... Estarás namorado ?

JONAS.

Da filha deste senhor !... Sim, meu pai !... e ha seis semanas !

ROTOMAGO.

Tu estás confundido, Phenomeno... Esta noite não eras mais do que um pouco de barro.

PANCRACIO.

Meu filho de barro !

DOROTHÉA.

Ah ! já sei o que isto é !... Papai está enganado !... O homem de barro está acolá n'um canto.

ROTOMAGO.

N'um canto ?

DOROTHÉA.

Fui eu quem o escondeu ; porque, já que não ha outro remedio senão dize-lo, eu tinha-o quebrado n'uns poucos de pedaços !... Felizmente achei aqui o senhor a dormir n'uma poltrona, empurrei-o para o gabinete em lugar do outro.

FOSCO.

Ah ! agora percebo o negocio !

ROTOMAGO.

*(U parte.)* Excellente filha !... Invento uma mentira para me salvar !

ROSALINDA.

(*Rindo-se.*) Quando elle acordou, tu acreditaste que lhe tinhas dado a vida !... Ah ! como és estúpido, meu pobre marido !

PANCRACIO.

(*Rindo-se.*) O facto é, Rotomago, que para um sabio.... imaginar que meu filho...

JONAS.

(*Rindo mais.*) Não obstante parece-me que não tenho assim um ar de muito barricado !

ROTOMAGO.

(*A' parte.*) Deixa-los lá no seu engano !

JONAS.

E é só por isso que o senhor me tem estado aqui a massar até agora !... Mestre Rotomago, só a mão de sua filha é que poderá acalmar a minha colera !

ROTOMAGO.

E para interesse da sciencia eu t'a conce lo .

FOSCO.

(*Admirado.*) E então eu ?

ROTOMAGO.

(*Baixo a Fosco.*) Cala-te, Fosco !... Estou com curiosidade de ver se elle terá filhos.

ROSALINDA.

Vamos, meu esposo, façamos as pazes... (*Estende-lhe a mão.*) Porém, com uma condição, e é que renunciarás ás loucuras, e de hoje em diante te deitarás bem cedo.

ROTOMAGO.

Como as gallinhas, Rosalindo, como as gallinhas, de quem tu és o mais bello ornamento. (*Baixo a Fosco.*) Fosco, prepara mais barro para amanhã, que havemos de

fazer uma rapariga ! e por nossas proprias mãos construir o mais bello monstro feminino.

FOSCO.

(*A parte.*) Bravo !... Pois então amanhã continuarei a roer o côco deste pateta.

JONAS.

Emfim, depois de tantos perigos e trabalhos, em recompensa da minha constancia pude obter a tua mão, minha bella Dorothea.

DOROTHÉA.

E eu espero senhor que em recompensa não terei de soffrer o destino de que minha mãe tanto se queixava.

ROTOMAGO.

(*Ao publico.*) Eis, meus senhores o fructo de meus trabalhos, o qual vos offereço em homenagem; eu creio que se pôde chamar obra prima. Talvez alguém lhe ache o nariz um pouco esplendido ; mas se quereis posso-lhe dar alguns retoques.

JONAS.

(*Com vivacidade.*) Não precisa, não precisa ; estou muito satisfeito com elle.

ROTOMAGO.

Cala a boca, Phenomeno, cala a boca, que estou dando uma satisfação a estes senhores. Portanto, se achão que elle é demasiadamente longo, podemos cortar-lhe quanto quizerdes só para satisfazer o gosto de tão indulgente e respeitavel publico.

FIM.